# ARROZ

*A safra apresenta bom desempenho e a produção é estimada em nível elevado. Diante da esperada estagnação do consumo e com estoques considerados excessivos, cogita-se do retorno do país, como exportador, ao mercado internacional.*

A expectativa de outra grande safra, à qual se agregará um estoque remanescente de dimensões inusitadas, vem suscitando preocupações em todos os agentes econômicos envolvidos na atividade. Afinal, os efeitos da combinação de duas grandes safras consecutivas (1985/86 e 1986/87) com as elevadas importações permitidas no período do **Plano de Estabilização Econômica** modificaram profundamente o quadro do abastecimento, culminando com a existência, hoje, de consideráveis excedentes a pressionar fortemente o mercado.

A posição do estoque de passagem, ao se iniciar a nova safra, aponta para uma crítica situação de abundância. Em fevereiro, detinham-se nada menos do que 3,5 milhões de t de reservas (3,1 milhões de t em poder da **CFP** e 400 mil t com a iniciativa privada), um recorde que supera em mais da metade o estoque inicial da safra anterior.

Em função da oferta atípica, o mercado atravessou um longo período de estagnação (ao contrário da tradicional escassez que antecede a entrada da nova safra, provocando elevação dos preços, nos dois últimos anos, grandes estoques de passagem amorteceram o ritmo de elevação dos preços durante a entressafra, sugerindo problemas futuros na comercialização). Além disso, as expectativas em relação às dimensões da safra 1987/88, em especial no tocante à colheita gaúcha, mantinham os negócios em níveis bastante reduzidos. No início de janeiro, as cotações no atacado da variedade **agulhinha** permaneciam estáveis, nos mesmos patamares observados no final de novembro passado (Cz$ 680/30 kg-**Fob**/RS), ocasião em que o governo havia decidido a liberação total dos preços do produto, conforme vinham reivindicando os agentes responsáveis pela produção e beneficiamento.

Apesar de ter favorecido o mercado, a liberação não provocou uma maior reação nos preços (entre novembro e dezembro de 1987, a majoração no varejo foi de apenas 12% em **São Paulo**), que continuaram evidenciando a forte pressão baixista existente em todos os níveis da comercialização, face à situação superavitária do mercado. No final de janeiro, encerraram-se os últimos prazos de amortização dos **EGF** da safra 1986/87, que totalizavam 520 mil t de arroz **agulhinha**, estocadas principalmente na região da fronteira Oeste gaúcha, maior zona produtora do **Rio Grande do Sul**. Sem dúvida, a armazenagem e a comercialização da nova safra ficariam seriamente prejudicadas, caso os **EGF** não fossem prontamente convertidos em **AGF** após o seu vencimento, incorporando-se aos estoques reguladores do governo. Preocupados, produtores e agentes vinculados à comercialização e armazenagem pleitearam junto ao **Ministério da Fazenda** a liberação urgente dos recursos destinados às operações de **AGF**, alertando para o risco de a nova safra encontrar os armazéns ainda ocupados, na hipótese de não se efetuar a remoção daqueles excedentes para fora das zonas de produção, situação particularmente delicada nas regiões de Uruguaiana e Alegrete.

O governo só liberou os recursos para a **CFP** adquirir e remover o arroz gaúcho vinculado aos **EGF** em meados de fevereiro. Até então, aguardava-se que a concretização destas operações propiciasse uma recuperação das cotações, uma vez que o produto ficaria afastado do mercado. Entretanto, os recursos disponíveis só puderam atender, até o momento, os penhores correspondentes a 175 mil t, ficando o restante em suspenso.

Desde novembro passado, na tentativa de **realinhar** os preços de mercado para os patamares dos preços oficiais de garantia a vigorar no início da safra, o governo vinha adotando um mecanismo de reajustes semanais nos preços de abertura dos leilões para o produto em casca. Por sua vez, o baixo interesse registrado naqueles leilões justificou-se, tanto pela possibilidade da compra do produto oriundo da nova safra a um preço igual, como pelo receio dos compradores de não obterem posteriormente um preço compensador para sua mercadoria.

O mercado manteve-se estável e, na ocasião em que já se efetuavam as primeiras colheitas, as cotações do arroz **agulhinha** tipo 2 situavam-se em torno de Cz$ 600 a saca de 50 kg, no nível do produtor, enquanto o preço mínimo fixado para fevereiro alcançava Cz$ 742/50 kg, portanto, uma defasagem de 24%. Isto pressu-

**QUADRO 01 – ARROZ[1] – PRODUÇÃO, CONSUMO E EXPORTAÇÃO[2] DOS PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES – 1986/87[3] E 1987/88[4] – (em milhões de t)**

| | 1986/87 | | | 1987/88 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | PRODUÇÃO | CONSUMO | EXPORTAÇÃO | PRODUÇÃO | CONSUMO | EXPORTAÇÃO |
| China | 119,8 | 119,2 | 1,0 | 123,2 | 122,1 | 1,2 |
| Tailândia | 11,9 | 8,6 | 3,9 | 10,4 | 8,6 | 2,0 |
| Birmânia | 7,8 | 7,3 | 0,5 | 8,4 | 7,9 | 0,5 |
| EUA | 4,3 | 2,4 | 2,3 | 4,1 | 2,5 | 2,6 |
| Paquistão | 3,5 | 2,3 | 1,4 | 3,1 | 2,2 | 1,0 |
| CEE[5] | 1,3 | 1,5 | 1,0 | 1,3 | 1,5 | 1,0 |
| Austrália | 0,4 | 0,1 | 0,4 | 0,5 | 0,1 | 0,4 |
| MUNDO | 315,7 | 319,4 | 12,2 | 301,5 | 311,7 | 10,2 |

**FONTE** – Economic Research Service, USDA.
1 **Em equivalente beneficiado;**
2 **as exportações referem-se ao ano civil, exceto as do comércio intra-**CEE;
3 **estimativas preliminares;**
4 **previsão;**
5 **inclui** Portugal e Espanha.

põe que o governo novamente realizará grandes compras no decorrer da comercialização. Os reajustes no atacado foram atribuídos apenas aos aumentos do frete e dos custos operacionais.

No caso do arroz, quando foram definidas as novas regras para a comercialização da safra 1987/88 (ver **Agroanalysis**, volume 12, número 1, seção **Preceitos de Política Agrícola**), correu-se o risco destas provocarem um efeito inverso ao pretendido. Ao aprovar o novo limite para as intervenções do governo no mercado, o **Conselho Monetário Nacional** executava uma política calcada na crescente liberação do sistema de comercialização atualmente existente no país, objetivando minimizar as acentuadas distorções que vêm sendo geradas desde que o Estado assumiu o papel de grande comprador das safras agrícolas, interferência esta mantida às custas de pesados subsídios e algumas desvantagens para os agentes econômicos ligados ao Setor Agrícola. Distanciando-se desta posição, o governo pretende estimular a formação de estoques por parte da iniciativa privada, e evitar as freqüentes e nem sempre bem sucedidas intervenções no processo de escoamento da produção[1].

Desta forma, ficou estabelecido que as vendas dos estoques oficiais somente seriam levadas a efeito quando os preços praticados no mercado atingissem níveis correspondentes à média dos preços reais dos últimos sessenta meses, convertida em **OTN** do mês-base, acrescida da margem de 12%. Para aliviar a pressão que os elevados estoques oficiais exerciam sobre o mercado, aos quais ainda deveriam se agregar 520 mil t de arroz gaúcho estocadas sob **EGF** e cujos prazos de liquidação estariam vencidos até o final do mês de janeiro, o governo teria que forçar uma substancial elevação nos preços, a fim de eliminar o diferencial de 50% existente entre os preços de mercado e o nível estabelecido pelas normas de intervenção. Se, por um lado, para fazer valer tais normas, o governo teria de suspender a venda de seus estoques em leilão, por outro, a escassez artificial induzida com esta medida poderia provocar um perigoso efeito sobre o índice de inflação, considerando que os estoques detidos pela iniciativa privada vêm-se reduzindo sistematicamente. Os subsídios exigidos a curto prazo, caso se optasse pela redução dos preços do produto de **sequeiro** (que compõe quase a totalidade dos estoques remanescentes), a fim de acelerar o seu escoamento, tornariam tal procedimento inviável, contrariando os próprios objetivos em que se fundamentaram as atuais regras de comercialização.

O retorno ao mercado internacional, após prolongada ausência, poderia representar uma importante alternativa como via de escoamento dos excedentes internos. Vale res-

1 Observa-se que a estatização da comercialização do arroz cresceu significativamente nos últimos anos. Segundo a **CFP**, o governo comprou cerca de 14% da produção obtida na safra 1985/86 e, na última safra, elevou esta proporção para 26,5%, o que correspondeu a dispêndios que consumiram cerca de 40% do total de recursos mobilizados na aquisição dos produtos beneficiados pela **Política de Garantia de Preços Mínimos.**

saltar que são boas as perspectivas atuais para colocação do produto no mercado externo (ver **box**), uma vez que está prevista uma quebra de até 5% na safra mundial, em razão da longa estiagem que afetou diversos países da **Ásia**. A redução de 30% nos estoques de passagem mundiais provocou uma sensível elevação nas cotações internacionais, favorecendo as exportações brasileiras. Entretanto, sabe-se que as vendas externas do produto de **sequeiro**, se concretizadas, irão necessitar de subsídios governamentais, o que talvez não ocorra com o arroz gaúcho, mais competitivo no mercado internacional. O governo autorizou em fevereiro a exportação de 170 mil t de arroz **agulhinha** beneficiado (equivalentes a 250 mil t do produto em casca), quota que corresponde apenas à quantidade que deverá ser importada por conta dos acordos bilaterais mantidos com a **Argentina** e o **Uruguai**. O que se discute agora, no entanto, é a saída para os excedentes de **sequeiro** que, ao contrário das variedades gaúchas, não têm boa aceitação no mercado mundial e constituem, de fato, o principal alvo de medidas de ajustamento. Coloca-se em pauta a distribuição do produto através de programas sociais de atendimento às populações carentes e, ainda, as propostas de venda para alguns países africanos (através de operações subsidiadas), o que tem polarizado as discussões.

As últimas estimativas do **IBGE** para a atual safra estão bastante otimistas e antevêem um crescimento de 11% sobre a produção total colhida em 1987.

No ano passado, as dificuldades com a comercialização, os constantes aumentos nos custos de produção, e ainda, o descontentamento provocado pela decisão do governo de instituir um **deságio** sobre os preços mínimos da safra atual (com a intenção de evitar que o Estado efetuasse novamente grandes aquisições do produto), fez supor um arrefecimento na intenção de plantio dos produtores gaúchos para a safra 1987/88. Contudo, este quadro rapidamente se reverteu, em grande parte porque a determinação de se aplicar o redutor sobre os preços de garantia foi logo revogada. Aguarda-se uma excelente safra no estado e é bem provável que se obtenham três recordes: de acordo com o **IBGE**, a produtividade aumentou e deverá alcançar 4.575 kg/ha, enquanto a produção ficará em torno de 3,7 milhões de t, respectivamente 3% e 4% superiores aos resultados obtidos em 1987. A área plantada também deverá ser pouco maior do que a de 1987, devido à incorporação de novas áreas sob regime de arrendamento. A ocorrência de baixas temperaturas no sul do estado, durante o mês de fevereiro, afetou algumas lavouras que se encontravam ainda no estágio de florescimento, provocando perdas nesta região, que normalmente registra elevada produtividade. Até o momento, porém, não foi possível quantificar os danos mas se acredita que, de um modo geral, não afetarão de forma significativa os resultados até agora prognosticados.

Em **Goiás**, segundo informações da **Cepa** local, as condições climáticas também foram propícias e, de um modo geral, a safra transcorre bem. Excetuando a ocorrência de ataques de **cigarrinha** em algumas lavouras, de forma bastante localizada, não se registraram maiores problemas e, por isso mesmo, a produtividade deverá se expandir, compensando a redução que ora se observa na área plantada. As últimas estimativas do **GCEA** prevêem produção recorde, em torno de 1,6 milhão de t.

No que se refere ao plantio nordestino, apesar de o **inverno** (estação das chuvas) maranhense ter chegado

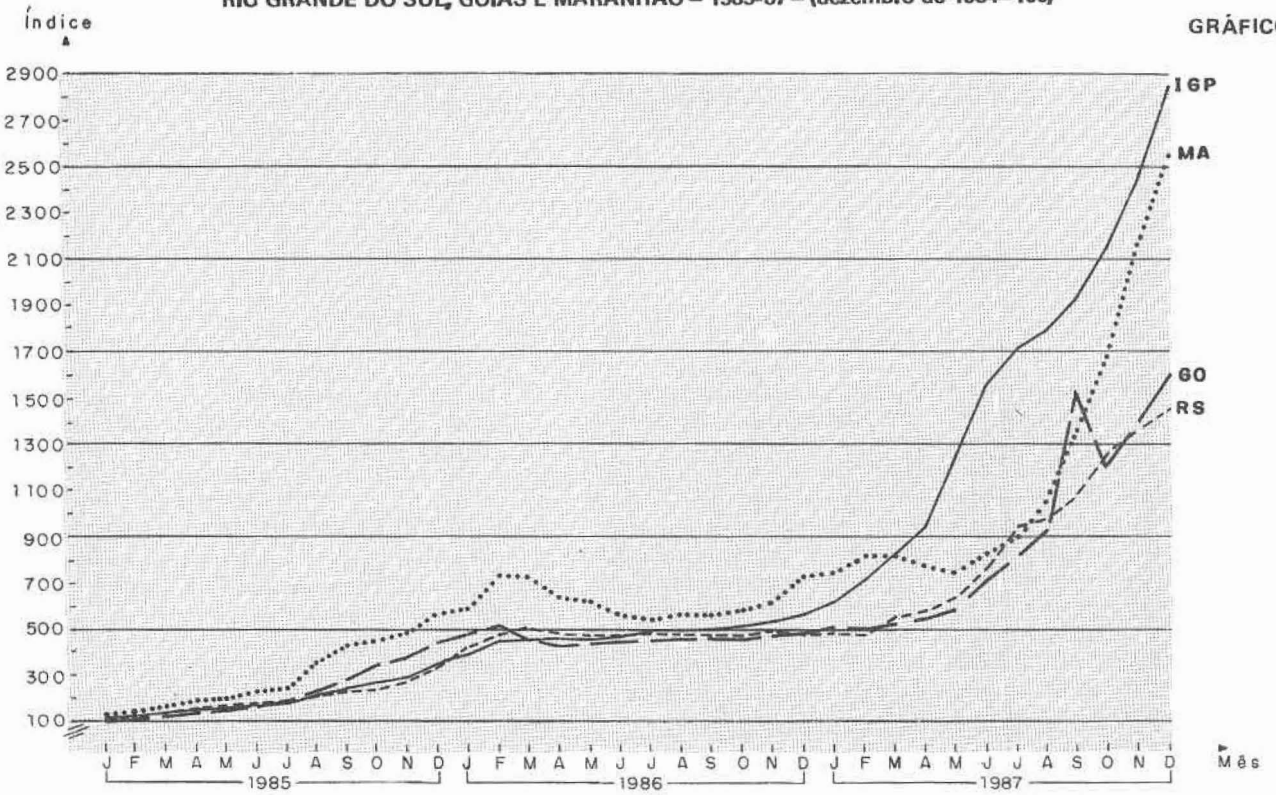
**QUADRO 02 – ARROZ EM CASCA – PRODUÇÃO DA SAFRA 1987/88**

| UF | ÁREA (ha) | PRODUÇÃO (t) | RENDIMENTO FÍSICO (kg/ha) |
|---|---|---|---|
| RS | 811.359 | 3.711.952 | 4.575 |
| GO | 1.128.640 | 1.608.300 | 1.425 |
| MA | 961.838 | 1.378.291 | 1.433 |
| MT | 694.844 | 1.099.776 | 1.453 |
| MG | 572.801 | 938.809 | 1.639 |
| SC | 159.442 | 522.145 | 3.275 |
| SP | 275.255 | 504.375 | 1.832 |
| MS | 275.000 | 385.000 | 1.400 |
| PI | 242.376 | 373.948 | 1.543 |
| PR | 195.000 | 345.000 | 1.769 |
| RO | 156.761 | 245.250 | 1.564 |
| PA | 164.758 | 190.809 | 1.158 |
| CE | 76.994 | 170.808 | 2.218 |
| RJ | 34.540 | 120.335 | 3.484 |
| BA | 112.753 | 112.753 | 1.000 |
| ES | 34.554 | 108.418 | 3.138 |
| AC | 29.610 | 42.299 | 1.429 |
| PE | 10.500 | 39.900 | 3.800 |
| PB | 14.586 | 32.160 | 2.205 |
| SE | 11.760 | 31.717 | 2.697 |
| AL | 7.225 | 20.990 | 2.905 |
| DF | 7.084 | 9.000 | 1.270 |
| RR | 1.600 | 7.213 | 4.508 |
| AP | 780 | 1.014 | 1.300 |
| TOTAL | 5.984.060 | 11.916.262 | 1.991 |

**FONTE – IBGE (estimativa de fevereiro)**

**ARROZ EM CASCA – EVOLUÇÃO DO IGP-DI E DO ÍNDICE DOS PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO RIO GRANDE DO SUL, GOIÁS E MARANHÃO – 1985-87 – (dezembro de 1984=100)**

GRÁFICO 01




**FONTE – FGV/Ibre/Cea.**

com certo atraso e a semeadura só se ter iniciado em janeiro, as condições climáticas observadas, desde então, mostraram-se bastante favoráveis e, possivelmente, obter-se-á uma boa safra. Mantendo a tendência oscilante dos últimos anos (ver **Agroanalysis**, volume 12, número 2, fevereiro de 1988) poderá haver recuperação da grande quebra ocorrida no ano passado, quando a ausência prolongada de chuvas provocou sensível queda de produtividade[2]. O **IBGE** estimou, em fevereiro, que serão colhidas cerca de 1,4 milhão de t, numa área um pouco maior do que a do ano anterior (ver Quadro 02).

Observa-se que a produção deverá crescer nos três principais estados produtores, a despeito de a remuneração obtida pelos agricultores destas regiões, em 1987, ter apresentado variação inferior à evolução do **IGP-DI** no período. Os produtores do **Maranhão**, em razão da acentuada quebra da safra, obtiveram os maiores índices, seguidos por **Goiás** e pelo **Rio Grande do Sul**. Enquanto o **IGP-DI** registrou uma variação de 416% no período compreendido entre janeiro e dezembro de 1987, os preços recebidos pelos produtores no **Maranhão, Goiás** e **Rio Grande do Sul** evoluíram 340%, 318% e 297%, respectivamente (ver Gráfico 01). Sem dúvida, a comercialização da safra passada foi difícil e não estimulou os produtores. Conseqüentemente, a área plantada nestes estados não apresentou maiores expansões. Especialmente no caso do **Maranhão** e **Goiás**, bons rendimentos físicos é que deverão proporcionar o incremento na produção deste ano.

Embora seja necessário uma avaliação mais segura a respeito das dimensões da nova safra, visto que esta se encontra em fase inicial de colheita, seguramente será abundante e é de se esperar que o impacto resultante de uma situação de oferta excessiva provoque alguma conturbação no mercado.

A composição de estratégias cautelosas de comercialização para esta safra será fundamental no sentido de se evitar por em risco os ganhos até aqui obtidos na esfera da produção. Por extensão, não é demais ressaltar que o crescimento da produção de arroz jamais poderá surtir o efeito desejado se não vier efetivamente acompanhado de uma política de longo prazo consolidada e eficaz para a atividade.

2 A rusticidade das lavouras maranhenses de arroz, predominantemente conduzidas no sistema de **sequeiro**, torna-as bastante vulneráveis a condições ambientais adversas. Na última safra, a produtividade no estado caiu de 1.378 kg/ha, obtida em 1985/86, para 641 kg/ha. Esta queda é comparável à que ocorreu no atípico ano de 1982/83, quando a lavoura registrou o menor rendimento físico dos últimos dez anos, 596 kg/ha. Nos dois casos a causa foi a mesma: **seca**.

## OS PREÇOS DO ARROZ SOBEM, ENQUANTO A OFERTA MUNDIAL SE REDUZ

Prevê-se que a produção mundial de arroz beneficiado em 1987/88 será 4,5% menor do que a da safra 1986/87, atingindo 302 milhões de t. A produção do **Sul** e do **Sudeste** asiáticos foi prejudicada por monções fracas e tardias. A produção dos **EUA**, em razão da área de plantio reduzida e do rendimento físico mais baixo, particularmente no caso do **arroz de grão longo**, também deverá ser menor.

O consumo interno norte-americano está aumentando e o seu atendimento competirá pela oferta disponível com a demanda pelas exportações. Os suprimentos reduzidos no exterior e nos **EUA** e os preços rapidamente ascendentes devem provocar diminuição no comércio mundial, que atingirá o mais baixo nível em uma década.

Espera-se que as quebras de safra nas principais regiões produtoras reduzam as disponibilidades para exportação. Estima-se que o comércio mundial do arroz cairá para 10,2 milhões de t em 1988, 16% abaixo do resultado de 1987 e o menor total desde 1978.

A produção fora dos **EUA** deve cair 14 milhões de t, chegando a 297 milhões de t. Enquanto se espera que a **República Popular da China**, principal produtor mundial, colha sua segunda maior safra, projetam-se declínios acentuados em várias safras do **Sul** e **Sudeste** da Ásia.

Uma **seca** deverá diminuir a safra da **Índia** a 47 milhões de t (– 22% em relação a 1986/87). Violentas inundações em **Bangladesh** devem provocar um decréscimo na produção de 7%, relativamente a 1986/87, o que reduzirá a colheita a 14,3 milhões de t. Enquanto a **Índia** compensará sua frustração de safra retirando produto de seus estoques, supõe-se que **Bangladesh** tenha ampliado suas importações de arroz, em 1987, para 900 mil t, bem acima das menos de 100 mil t, de 1986.

Alguns países afetados pela monção fraca são grandes exportadores. Da **Tailândia**, espera-se a colheita da segunda safra consecutiva prejudicada pela **seca**. A previsão da produção tailandesa, de 10,4 milhões de t, é 12% menor do que a anterior. Também se estima que a produção seja 12% menor, alcançando 3,1 milhões de t.

Tais previsões de quebras de safras, entre os principais exportadores de arroz, estão também contraindo os suprimentos exportáveis, especialmente os do **arroz de grão longo**. Os preços de exportação estão subindo. O preço dos **EUA** no mercado mundial do **grão longo** (base em casca), aumentou 66%, de 4/8 a 13/10, para US$ 6,32/**cwt**. Os preços nominais tailandeses (**Fob**) para um tipo similar subiram 69% desde julho, para US$ 279/t, em 13/10, equivalente sem casca. Esse patamar é 55% superior ao de um ano antes. A oferta mundial deverá permanecer **apertada**, pelo menos até que as safras de 1988/89 dos **EUA** e da **Tailândia** sejam colhidas.

O alto preço do arroz deverá afetar significativamente a demanda por importações. A **Comunidade Econômica Européia** e alguns dos países mais ricos do **Oriente Médio** e da **Ásia** deverão apresentar pequena alteração em suas importações, apesar dos preços mais elevados. Contudo, alguns países mais pobres cortarão suas compras no exterior e outros optarão por tipos inferiores de arroz ou por importações de trigo.

Os **EUA** serão uma boa fonte para o fornecimento de trigo e de tipos **médios** e **curtos** de arroz, mas não serão capazes de preencher a lacuna da oferta do **grão longo**, tipo que representa grande parte da demanda mundial. Com a produção norte-americana deste arroz em 1987/88 projetada 11% menor e os estoques de passagem 39% inferiores aos do ano anterior, o suprimento do **grão longo** dos **EUA** será 20% menor. A limitada disponibilidade norte-americana, conseqüentemente, refreará as exportações. Embora a previsão das exportações para 1988, considerados todos os tipos de arroz, seja de 2,6 milhões de t, 300 mil t acima das de 1987, grande parte deste incremento terá de provir do suprimento dos **grãos médios** e **curtos**..

A **China** e a **Austrália** devem ser os outros únicos países em posição de expandir as exportações. Considerando-se a projeção de preços elevados e ampla oferta, a **China** deve preferir aumentar suas vendas ao exterior para 1/1,1 milhão de t. A época do plantio australiano está quase começando e a perspectiva de altos preços durante a colheita encorajará os agricultores a expandirem a área e a produção.

A produção australiana deverá situar-se em torno de 500 mil t e as exportações em 1988 podem atingir 400 mil t, acima da estimativa de 350 mil, em 1987. A **China** exporta majoritariamente **grão longo** de baixa qualidade e, a **Austrália**, fundamentalmente variedades de **grãos médios** e **curtos**. Nenhum dos dois países será capaz de ofertar quantidades significativas de arroz para os mercados de **grãos longos** de alta qualidade.

## A REDUÇÃO DA ÁREA E OS RENDIMENTOS FÍSICOS MENORES DIMINUEM A PRODUÇÃO DOS EUA

Segundo as estimativas de outubro, a produção de arroz de 1987, dos **EUA**, deve declinar para até 4,1 milhões de t, (equivalente sem casca) abaixo das 4,3 milhões de t de 1986. A produção do **grão longo** deve cair 11%, enquanto a do **grão médio** subirá 10% e, do **curto**, 4%.

Pelo terceiro ano consecutivo, os orizicultores norte-americanos reduziram sua área plantada. Conseqüentemente, a área colhida caiu dos 2,8 milhões de acres de 1984/85, para 2,3 milhões de acres em 1987/88. A grande participação nos programas governamentais, que requerem a retirada da produção de 35% da área, foi responsável por isto.

Enquanto a extensão cultivada tem declinado, os rendimentos físicos ascenderam rapidamente nos anos oitenta, em razão da adoção de variedades mais produtivas. Contudo, problemas de doenças, tais como a **ferrugem**, constituíram séria dificuldade este ano, particularmente em **Arkansas**, onde são produzidos 40% da safra dos **EUA**. Adicionalmente, clima frio extemporâneo no **Texas** e na **Califórnia** durante fases críticas do desenvolvimento, baixaram os rendimentos físicos esperados. Como resultado, a produtividade das lavouras deve cair 3%, em relação ao obtido no ano anterior.

O impacto do empréstimo de comercialização, que reduziu sobremaneira os preços dos **EUA**, foi sentido em 1986/87, quando o consumo total aumentou 28%. O resultado foi que os estoques de passagem de todos os tipos de arroz em 1º/8 estiveram 28% abaixo do verificado um ano antes. Com a produção e os estoques diminuídos, o suprimento em 1987/88 deverá ser reduzido em 14%, para 5,9 milhões de t. Tal número será 400 mil t menor do que o drasticamente reduzido suprimento de 1983/84, o ano do **PIK**[NT] e dos baixos rendimentos físicos dos arrozais.

Espera-se que a combinação de forte demanda com oferta fraca baixe os estoques de 1987/88 em surpreendentes 50%, para cerca de 900 mil t, abaixo de 1 milhão de t, considerado pelo **Food Security Act** de 1985, como o total necessário para se manterem suprimentos adequados para o consumo interno e as exportações. Os estoques do **grão longo** serão criticamente apertados, possivelmente situando-se em 200 mil t. Aproximadamente 70% do arroz dos **EUA** comercializado internamente e no mercado mundial são de **grão longo**.

**NT** – Trata-se do **Programa de Pagamento em Espécie (Payment in Kind)** do governo dos **EUA**, pelo qual partes dos pagamentos devidos **pelo governo aos agricultores passaram a ser feitas em mercadorias.**

*Texto de **Sara Schawrtz** e **Janet Livezey**, publicado originalmente em **Agricultural Outlook**, do **USDA**, em novembro de 1987 e traduzido por **Fernando Roberto de Freitas Almeida**, economista do **Centro de Estudos Agrícolas/Ibre/FGV**.*